

Uma Nova Abordagem para a Inclusão Digital: Relato de uma Experiência de Extensão na UFAL

Tamer Stefani Guimarães Cavalcante^{1,2}, Evellyn Soares Cavalcante¹,
Alejandro César Frery Orgambide^{1,2}

¹Centro de Pesquisa em Matemática Computacional (CPMAT)
Instituto de Computação – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Campus A. C. Simões, BR 104-Norte, km 97 , Cidade Universitária
CEP: 57072-970 – Maceió, AL – Brasil

²Laboratório de Computação Científica e Visualização (LCCV)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Campus A. C. Simões, BR 104-Norte, km 97 , Cidade Universitária
CEP: 57072-970 – Maceió, AL – Brasil

{tamersgc, evellyn.cavalcante}@gmail.com

acfrery@pesquisador.cnpq.br

Abstract. *This work presents the motivation, methodology and results of a community course lectured at the Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió. The attendees were the campus security employees, the purpose was promoting technical literacy by promoting digital proficiency in the use of Internet tools. The results show that the contents and methodology are in accordance with the participants' expectations, and that the course may be successfully lectured in other campi.*

Resumo. *Este trabalho relata a motivação, a metodologia e os resultados de aplicar um projeto de extensão na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), campus Maceió. O público do projeto foi formado por funcionários da firma que presta serviços de segurança patrimonial na Universidade. O objetivo do projeto foi promover a inclusão através da alfabetização digital, sendo o foco o uso de recursos disponíveis na Internet. Os resultados mostram que o caminho seguido está certo, que a metodologia foi correta e que houve um aproveitamento significativo das novas competências. O curso pode ser ministrado com sucesso em outros campi.*

1. Introdução

No Brasil, onde é notória a desigualdade social e de oportunidades, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tanto podem diminuir quanto aumentar a assimetria de conhecimento. A porção da população detentora de melhores condições econômicas possui vantagens no acesso a essas tecnologias, enquanto o resto ou demora a conseguí-lo ou nem chega a alcançá-lo. As iniciativas que promovem a inclusão digital podem contribuir para reverter esse quadro.

A inclusão digital, segundo [Santos et al. 2005], consiste em alfabetizar digitalmente democratizando o acesso às ferramentas da chamada “Era da Informação”. Ela é responsável por disseminar o conhecimento e o acesso às TICs a todas as esferas da sociedade. As TICs podem ajudar a achar soluções para alguns dos seus problemas, que afetam o indivíduo tanto no caráter pessoal quanto profissional.

A universidade tem papel fundamental na formação técnica cognitiva do indivíduo e, de acordo com o artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil, sua área atuante consiste na “indissolubilidade do ensino, pesquisa e extensão”. Segundo [Buarque 1994], isso “compromete todo o ensino superior com atividades de pesquisa, retirando-o da simples prática do ensino repetitivo, e, ao mesmo tempo, força uma aproximação do ensino e da pesquisa com a realidade, através da prática da extensão”. A extensão aparece, portanto, como um meio para o desenvolvimento de iniciativas de inclusão digital, já que os recursos da universidade devem ser usados também para suprir as necessidades da população na qual está inserida, no que concerne principalmente às suas deficiências de formação.

Este artigo relata uma experiência de extensão na universidade para a inclusão digital: o projeto “Alfabetização Tecnológica I – A Internet”, desenvolvido por alunos de Graduação em Ciência da Computação e Mestrado em Modelagem Computacional de Conhecimento da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Este projeto foi desenvolvido na forma de um curso de iniciação ao uso do computador, especificamente à Internet, para os funcionários da prestadora de serviços, SERVIPA, responsável pela segurança patrimonial da UFAL

A seção 2 apresenta as motivações e justificativas para desenvolver este projeto. A seção 3 discute alguns trabalhos com iniciativas de inclusão digital e objetivos semelhantes ao desta experiência. A seção 4 descreve o processo de realização do projeto, a metodologia aplicada e as ferramentas utilizadas. A seção 5 aponta os resultados alcançados e a seção 6 conclui mostrando a importância e relevância desse projeto.

2. Motivação

A concorrência atual do mercado de trabalho requer profissionais que possuam um domínio mínimo das TICs, principalmente no que concerne à Internet. Na hierarquia social, aqueles que não têm condição de se qualificarem ou não possuem um bom grau de instrução acabam se enquadrando em empregos menos privilegiados, tais como porteiros, seguranças, faxineiros etc. Pesquisas mostram que no Brasil, apesar da expansão da utilização da Internet, há uma grande parcela da população que ainda não possui acesso a esse meio de comunicação e de serviços essencial na atualidade.

Na Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) de 2008, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi constatado que, apesar da evolução com relação ao ano anterior, a desigualdade de acesso ao computador e à informação a partir da Internet ainda é bastante elevada, como mostra o gráfico da Figura 1 [IBGE 2009]. Dos 57.557 mil domicílios brasileiros, 17.945 mil (31,2%) possuíam microcomputador, sendo 13.716 mil (23,8%) com acesso à Internet. Mais da metade dos domicílios do País que possuíam computador (10.119 mil) estavam na Região Sudeste, e destes, 7.978 mil tinham com acesso à Internet. A Região Sudeste possuía 31,5% de seus domicílios conectados à Internet; a Região Sul, 28,6%; a Região Centro-Oeste, 23,5%; a

Região Nordeste, 11,6%; e, a Região Norte, 10,6%.

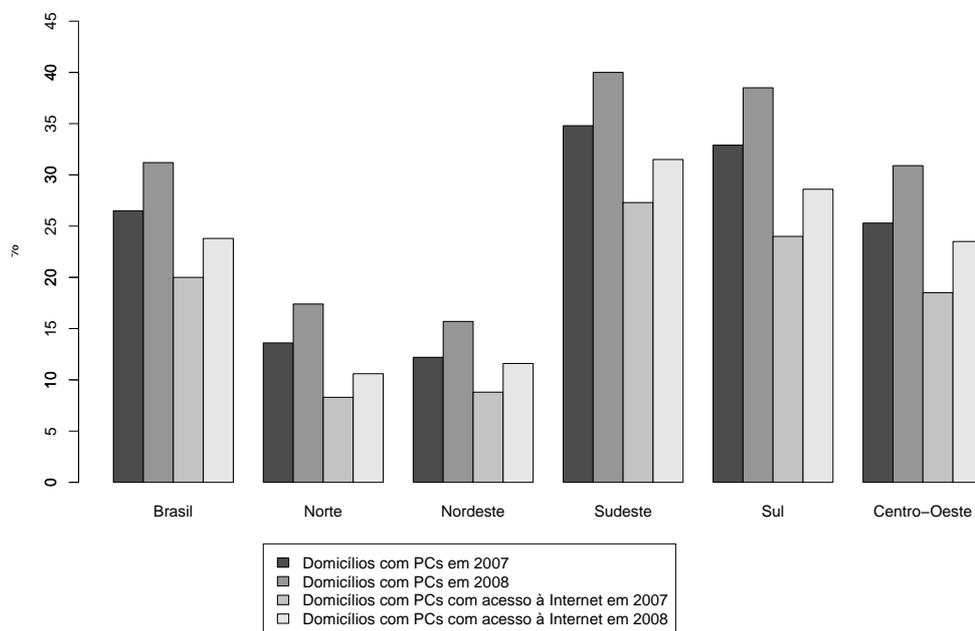


Figura 1. Percentual de domicílios com microcomputador e com microcomputador com acesso à Internet no total de domicílios particulares permanentes no Brasil (2007-2008)

Uma outra pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGIBr), além de apresentar dados semelhantes ao da pesquisa descrita anteriormente, mostra detalhadamente o perfil dos excluídos digitais. Nesse estudo é possível observar os principais motivos apontados como barreira à posse tanto do computador quanto da Internet, gráficos da Figura 2. O principal é o custo elevado dessas tecnologias, mas destaca-se também a possibilidade de ter acesso em outro lugar, a falta de necessidade/interesse e a falta de habilidade para tal. Além do mais, mostra que o principal local de acesso individual à Internet são os centros públicos de acesso pago, as conhecidas *LAN houses* (gráfico da Figura 2).

A universidade em seu papel transformador deve participar ativamente na redução dessas desigualdades. As ações de extensão, como exposto na seção 1, formam um dos pilares legítimos para alcançar esse objetivo mas, no entanto, o que se observa é uma grande deficiência nesse sentido [Rodrigues 2006]. Por meio de projetos, a universidade interage com a comunidade para exercer sua função de extensão e pode contribuir no processo de inclusão digital seja disseminando soluções ou produzindo reflexões críticas, seja emprestando quadros para o amplo processo de formação dos segmentos mais carentes, menos cultos e escolarizados [Silveira 2005].

Contra todas as expectativas, a exclusão digital fica nítida até mesmo dentro do ambiente da universidade, em que a educação e informação, além de serem acessíveis gratuitamente, deveriam abranger a todos os seus grupos formadores sem exceção. Ao realizar uma pesquisa de campo, com uso de questionários elaborados com o objetivo de aferir o grau de “conhecimento digital” dos funcionários da empresa responsável pela

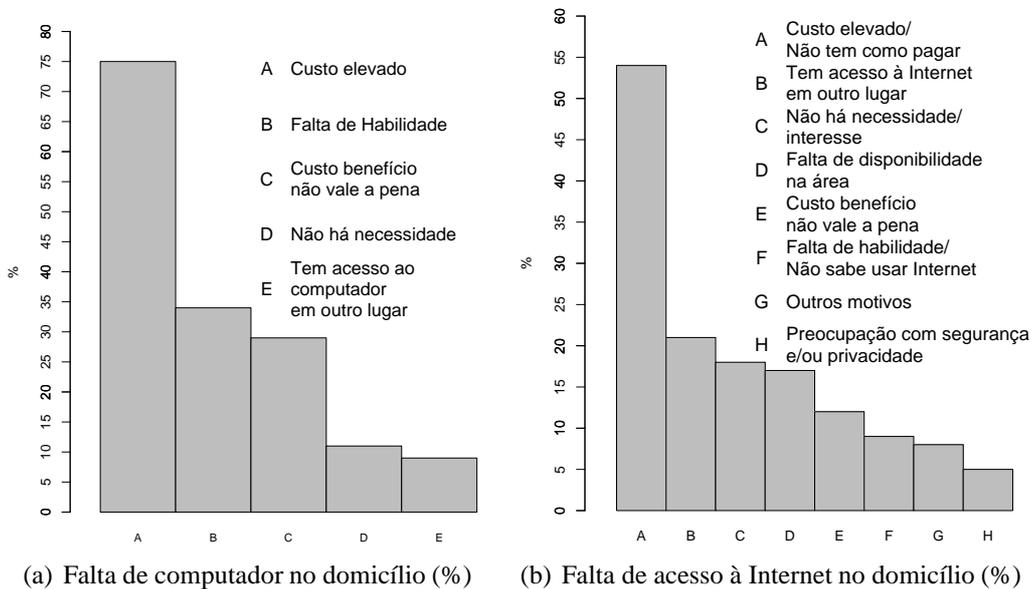


Figura 2. Motivos para a exclusão digital (Percentual sobre o total de domicílios que não têm acesso a computador)

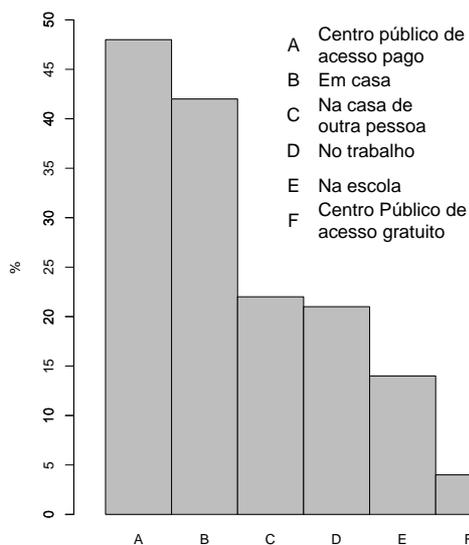


Figura 3. Local de acesso individual à Internet (Percentual sobre o total de usuários de Internet)

segurança patrimonial da UFAL, pode-se verificar o quão próxima se encontra a realidade da exclusão digital na nossa universidade e mais ainda que mesmo possuindo vários projetos de extensão, esses essencialmente são voltados para a comunidade externa. Os resultados da pesquisa podem ser vistos na Tabela 1.

Tabela 1. Pesquisa realizada com funcionários da SERVIPA para verificar grau de inserção digital

	%
Já teve acesso ao computador	80
Possui computador em casa	45
Possui Internet em casa	35
Acessa Internet em <i>LAN houses</i>	25

Diante do exposto, e entendendo a responsabilidade da universidade, foi desenvolvida a experiência relatada neste trabalho: um projeto de extensão universitária sob o título “Alfabetização Tecnológica I: A Internet”. Esse projeto almeja trabalhar no sentido de reduzir as assimetrias de conhecimento e de oportunidades entre professores, funcionários e prestadores de serviços. Objetiva também disseminar o uso de tecnologias onipresentes, em particular a Internet, para o exercício da cidadania, da comunicação e da capacitação profissional. Propõe-se não só tornar o indivíduo apto a “navegar” na rede mundial de computadores, mas também desenvolver habilidades e conhecimento para utilizar pelo menos um editor de texto e algum tipo de planilha de cálculo, requisitos propostos por [Mattos and Chagas 2008] para uma iniciativa de inclusão digital. A nossa proposta ousa ainda mais, e se propõe a incentivar o uso de outros recursos (mapas, agenda, repositórios etc.).

Nesta proposta estendemos a prática da inclusão digital em dois sentidos: Internet e conteúdo. Todo o curso foi baseado em ferramentas disponíveis na Internet, mesmo as tradicionais conhecidas em ambiente de escritório: editores de texto e planilhas eletrônicas. Essa escolha se baseou principalmente no fato do curso ser destinado a uma camada menos privilegiada da sociedade. Assim, uma alternativa para o acesso ao computador seria através de *LAN houses* ou familiares e amigos.

Outra facilidade que a Internet possibilita é o uso dos mesmos recursos e dados em qualquer lugar, pois dependendo do ponto de acesso os *softwares* podem divergir, o que dificulta a utilização das ferramentas para os alunos que estão iniciando a utilização do computador. Além disso, a Internet é um ótimo meio de armazenamento de arquivos, pois os mesmos podem ser acessados de qualquer lugar.

3. Trabalhos Correlatos

Essa seção destina-se a discutir alguns trabalhos relevantes relacionados de inclusão digital disponíveis na literatura, com o objetivo de corroborar a experiência relatada neste trabalho, ao tornar mais perceptível a abordagem diferencial. Dá-se destaque a descrição dos conteúdos ministrados em cada experiência para que seja possível identificar semelhanças e diferenças entre as iniciativas.

[Bertagnolli et al. 2008] relata a experiência de um projeto de extensão que se concentra em três linhas de atuação: reciclagem de computadores, uso de software livre e oficinas profissionais de aprendizagem. Dentre as oficinas oferecidas destacam-se: Introdução à Informática, OpenOffice, Montagem de Computadores, “Como usar corretamente a Internet”. Nessa última, foram apresentados os sistemas de buscas na Internet (*Google*, *Terra*, etc.), além de auxiliar no desenvolvimento de uma página pessoal e na criação de um email e sua utilização.

O projeto de pesquisa descrito em [Farias et al. 2007], visa à construção de uma infra-estrutura pedagógica e tecnológica em espaços comunitários, que gira em torno dos seguintes eixos temático-metodológicos: formação da criatividade e construção do conhecimento, habilitação em tecnologia digital e formação para o trabalho. A partir da análise realizada ao longo do trabalho, definiu-se uma estrutura curricular a ser trabalhada na inclusão digital. Essa estrutura curricular é composta por: introdução à Informática, técnicas de busca na Internet, edição de textos, planilha eletrônica, apresentação multimídia e outros assuntos.

A experiência de extensão descrita por [Costa et al. 2007] está relacionada à inclusão digital de jovens da oitava série do Ensino Fundamental em diante, de professores da rede pública e de adultos da comunidade. Os cursos ministrados foram: operador de sistema operacional, editor de textos, manipulação de planilhas, composição de slides e Internet, todos organizados por professores e alunos universitários.

O relato realizado por [Benedito and C. 2006] apresenta um projeto que se baseia em três pilares fundamentais, que são: a concepção e implantação de um modelo tecnológico; a implantação da infra-estrutura necessária para implementação do modelo e a formação de profissionais da educação. O conteúdo programático para os cursos de inclusão digital, no que se refere à Internet, envolve: ferramentas de busca, criação e publicação de *home pages*, listas de discussão, comunicação eletrônica, textos e imagens na Web, a rede e as relações, trabalho em rede e trabalho colaborativo.

[Abdalla et al. 2005] descreve um programa de extensão universitária, na qual foi realizado um curso de iniciação em Informática e Internet com a adoção de *software* livre permitindo o aprendizado do uso do computador em suas operações básicas e de aplicativos mais simples (editores, calculadoras, etc.). Apresentou-se também o *browser* para navegar, realizar buscas, utilizar aplicativos de e-mails e participar de listas de e-mails na Internet. Esse projeto obteve ótimos resultados, de forma que mais da metade dos alunos que concluíram o curso com sucesso ou conseguiram emprego ou decidiram matricular-se em curso pré-vestibular.

Portanto, observa-se que as iniciativas de inclusão digital utilizam *softwares* para a edição de textos e de planilhas eletrônicas, composição de slides e browsers para o acesso a Internet. Nessas iniciativas, a Internet é utilizada como uma fonte de busca e de comunicação eletrônica, embora tenha mais à oferecer. Nesse trabalho apresentamos uma nova abordagem de inclusão digital que faz uso apenas da Internet, já que na Web encontra-se disponíveis muitas das ferramentas necessárias para incluir digitalmente um indivíduo, que podem ser acessadas de forma única e integrada em qualquer lugar do mundo.

4. Alfabetização Tecnológica I – A Internet

As aulas foram ministradas no Laboratório de Análise Numérica e Computação Científica (LaCCAN) dentro das dependências do Centro de Pesquisa em Matemática Computacional (CPMAT) da UFAL. O curso contemplou 20 prestadores de serviços, e os recursos do LaCCAN permitiram que cada participante trabalhasse em um computador. Para facilitar a presença no curso e evitar a evasão, o horário das aulas foi organizado de acordo com a escala de trabalho dos participantes, que é de doze horas de trabalho e trinta-e-seis de folga. As reuniões ocorriam, então, 2 ou 3 vezes na semana, alternadamente, e uma hora antes do início do expediente ou uma hora depois de seu fim, isto é, ou das 18:00 às 19:00, para os participantes do turno da noite com início de expediente às 10:00, ou das 19:00 às 20:00 para aqueles que trabalhavam pelo dia e concluíam seu expediente às 19:00.

O LaCCAN prega a política de utilização de *softwares* livres, e [Silveira 2005] defende a utilização dos mesmos nas iniciativas de inclusão digital afirmando que:

“O movimento de *software* livre é a maior expressão da imaginação dissidente de uma sociedade que busca mais do que a sua mercantilização. Trata-se de um movimento com base no princípio do compartilhamento do conhecimento e na solidariedade praticada pela inteligência coletiva conectada na rede mundial de computadores. O *software* livre já é uma alternativa economicamente viável, tecnologicamente inovadora e estável.”

Assim, todas as ferramentas utilizadas ao longo do curso estiveram em sintonia com o movimento, acarretando no contato dos alunos com *softwares* livres. O sistema operacional utilizado foi a distribuição do *Linux*, *Ubuntu*. Os alunos tiveram acesso à Internet através do navegador *Firefox*.

O programa do curso foi baseado principalmente nas ferramentas oferecidas pela *Google* que são largamente utilizadas e permitem uma fácil integração entre si: *Gmail*, *Gtalk*, *Bookmarks*, *Docs*, *Agenda*, *Maps*, *Earth*, *YouTube*, *Orkut* e *Google Translate*. Além disso, foram apresentadas algumas outras como: enciclopédias virtuais (*Wikipedia*), sites de entretenimento e de notícias (*Portal da Globo*, *Alagoas24horas*), dicionários e tradutores *online* (*Michaelis*, *Priberam*). A dinâmica das reuniões consistia em mostrar a ferramenta, sua aplicação, seu funcionamento, e executar exercícios práticos. Esses exercícios foram sempre baseados nas necessidades cotidianas dos participantes, para facilitar a absorção dos conteúdos e contextualizar o uso das TICs. Esses conteúdos foram formatados em um curso de quarenta horas seguindo o conteúdo programático descrito a seguir.

Introdução. A primeira atividade foi uma explanação do que é o computador e a Internet, para contextualizar o curso e deixá-los mais inteirados dessas tecnologias. Mostrou-se os componentes do computador e suas funções: mouse, teclado, monitor e gabinete.

Gmail. Em seguida, cada participante criou uma conta no *Gmail*, e através dela trabalhou-se o envio, leitura, resposta, e encaminhamento de mensagens e de anexos aos e-mails. Como houve dificuldades no desenvolvimento dos e-mails, tanto de organização quanto de ortografia e gramática, então foram debatidos conteúdos de etiqueta na Web. Para essa ferramenta, os exercícios propostos em sala de aula foram, por exemplo, elaborar e enviar um convite para um churrasco, marcar uma

partida de futebol, dentre outros. Como o Gmail possui integração com várias ferramentas, muitas delas foram estudadas separadamente, e serão discutidas adiante.

Google Earth. O tópico seguinte foi o *Google Earth*, onde os participantes puderam explorar a ferramenta para visualizar cidades, regiões e construções. As reuniões foram bastante descontraídas, pois cada um localizou a sua casa, a sua cidade de origem e apresentou aos colegas. Nos exercícios em sala de aula implantamos uma metodologia na qual os alunos aprendessem a manipular a ferramenta e ao mesmo tempo conhecessem um pouco mais sobre uma região, então, escolhíamos determinados locais, como o Maracanã, e fazíamos com que eles observassem a estrutura das construções, as fotos e lessem um pouco sobre aquele lugar.

Google Maps. Dando continuidade às ferramentas de localização, estudou-se o *Google Maps*, que serve para encontrar empresas, visualizar mapas e obter rotas de tráfego online. Os participantes aprenderam a traçar trajetórias de uma cidade a outra, a salvar os seus mapas, a ver a distância em quilômetros e em horas de viagens de carro, ônibus ou a pé. Ainda aprenderam a imprimir e compartilhar os mapas e enviá-los por e-mail. A localização espacial urbana e o planejamento de rotas e trajetórias é uma atividade importante na prática profissional dos participantes, houve uma resposta muito positiva por parte deles nestas atividades.

Google Agenda. Pensando na organização pessoal, apresentou-se o *Google Agenda*, no qual foi criada uma agenda compartilhada com os aniversários de todos os participantes. A partir dela foram exploradas várias funcionalidades: criar, editar e remover eventos, criar e compartilhar agendas, especificar o modo de notificação dos eventos por email, pop up ou SMS.

Sites Interessantes e Google Bookmarks. Dando sequência aos assuntos, foram selecionados alguns sites interessantes: enciclopédias Web, sites de busca de vídeos, de notícias, de envio de torpedos para celulares, dicionários online. Em seguida foi dada a oportunidade aos participantes de navegarem nesses sites, a fim de se familiarizarem com a Web. Isso foi feito para posteriormente apresentar o *Google Bookmarks* como uma alternativa para salvar esses e outros sites organizadamente e facilitar o acesso futuro.

Google Docs: Documentos, Apresentações e Planilhas. Para finalizar o curso, foram trabalhados conteúdos sobre o uso do *Google Docs*. Inicialmente introduzimos a criação, exclusão e edição de documentos de texto. Mostrou-se também como formatá-los: tipografia, espaçamento, alinhamento e tipos de visualização. A fim de verificar a absorção dos conceitos, trabalhamos de forma colaborativa na elaboração dos currículos dos participantes, usando como base e referência um outro desenvolvido por um ex-funcionário da empresa. Mostramos também, a ferramenta para apresentar conteúdos na forma de apresentação de *slides*, a fim de suprir uma necessidade profissional futura dos alunos. Por fim, trabalhamos no desenvolvimento de uma planilha que simula o orçamento de uma lista de compras, visando melhorar a organização financeira dos participantes. As funcionalidades trabalhadas foram a criação, exclusão e edição de campos, bem como o uso de fórmulas para agilizar cálculos repetitivos.

5. Resultados

O projeto contribuiu para a inclusão digital dos participantes que, além de se familiarizarem com o computador, aprenderam a utilizar a Internet como uma ferramenta de trabalho e lazer.

Os conteúdos foram considerados de fácil assimilação, e se tornaram ferramentas do dia-a-dia dos participantes. Após o curso todos possuem a sua própria conta de email e conhecem muitas das funcionalidades que a *Google* oferece: *Gtalk*, *Bookmarks*, *Docs*, *Agenda*, *Maps*, *Earth*, *YouTube*, *Orkut* e *Google Translate*. Observamos, no entanto, uma grande dificuldade na manipulação de planilhas eletrônicas, principalmente no uso de fórmulas matemáticas, e deficiências operacionais na língua Portuguesa.

A evasão foi inferior a 30% dos participantes inicialmente matriculados, e em todos os casos se deveu a transferências de local e horário de trabalho que inviabilizaram a continuidade no curso. Os que completaram pelo menos 80% da carga horária receberam um diploma. Tivemos relatos desses diplomas serem um diferencial na hora de pleitear aumentos salariais.

Além disso, os estudantes que participaram como monitores do curso tiveram a oportunidade de lecionar aulas de informática a pessoas que nunca tinham tido o acesso ao computador. Isto despertou nos monitores o desejo de querer mudar a realidade na qual nos encontramos: uma “Era Digital” que deixa uma grande parte da população excluída.

6. Conclusões

A universidade é um ponto de referência na geração de conhecimento, e uma das suas vertentes está relacionada à extensão, serviços que são prestados para o desenvolvimento da comunidade, por exemplo, na promoção da inclusão digital. O que se encontra na literatura são relatos de experiências de inclusão digital da comunidade partindo do meio acadêmico, mas não para os indivíduos que trabalham no âmbito da universidade. Portanto, as iniciativas de inclusão digital estão excluindo aqueles indivíduos que contribuem para a limpeza, a segurança e o bem estar dos que frequentam a universidade. O nosso projeto teve por objetivo sanar essa deficiência entre os funcionários da prestadora de serviços, SERVIPA

Além disso, com o objetivo de dar ao projeto uma característica de formação continuada e em função da demanda dos contemplados com o curso, o LaCCAN foi disponibilizado como um ponto de referência para tirar dúvidas e para a utilização dos computadores evitando, assim, que os contemplados continuem digitalmente excluídos devido aos custos elevados para acessar às TICs [Mattos and Chagas 2008].

A experiência foi muito edificante também para os monitores, graduandos e mestrandos, já que lhes proporcionou a oportunidade de lecionar aulas que contribuirão para o desenvolvimento intelectual, social e profissional, pois foram trabalhadas habilidades importantes para se ter uma boa postura em sala, tais como: expressividade, relacionamento inter-pessoal, liderança e fluência.

Ao término do curso, percebemos que a disseminação da tecnologia ainda é diretamente proporcional ao grau de instrução da população, mas que pequenas iniciativas, principalmente dos setores responsáveis pela educação, podem diminuir o declive de conhecimento existente e tornar mais igualitária a concorrência no mercado de trabalho.

Isso é possível sem ter gastos com *softwares*, utilizando somente as boas e gratuitas ferramentas disponíveis, bem como laboratórios que estão ociosos no horário dos cursos. No entanto, como afirma [Mattos and Chagas 2008] e [Silveira 2005], os resultados conseguidos com iniciativas de inclusão digital seriam mais representativos se houvessem políticas públicas permanentes de Estado, destacando a necessidade do governo encontrar meios de tornar as TICs mais acessíveis.

Referências

- Abdalla, D., Gama, C., V., P., C., R., and Santos, L. N. (2005). Onda Digital: A Universidade Protagonizando a Inclusão Digital. In *Anais do XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, São Leopoldo, RS.
- Benedito, M. A. and C., M. M. (2006). A Tecnologia da Informação nas Escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. In *Anais do XXVI Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, Campo Gree, MS.
- Bertagnolli, S. C., Silveira, S. R., and Siqueira, M. L. (2008). Aprendizes Digitais: Experiências com Inclusão Digital. In *Anais do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, Belém do Pará, PA.
- Buarque, C. (1994). *A Aventura da Universidade*. Editora da UNESP.
- Costa, R. L., Thereza, A. H. J., Gomide, R. S., and Gomide, R. V. S. e Damasceno, E. F. (2007). Informática Básica nas Escolas Públicas Buscando a Inclusão Digital dos Estudantes da Oitava Série do Ensino Fundamental em diante e da Comunidade em Geral. In *Anais do XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, Rio de Janeiro, RJ.
- Farias, M. R. F., N., C. A., Castro, T. H. C., and Thomé, Z. R. C. (2007). Inclusão Social e Digital através da Formação para o Trabalho. In *Anais do XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, Rio de Janeiro, RJ.
- IBGE, I. (2009). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008 – Síntese dos Indicadores. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/sinteseepad2008.pdf>.
- Mattos, F. A. M. and Chagas, G. J. N. (2008). Desafios para a Inclusão Digital no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 13:67–94.
- Rodrigues, R. (2006). A Extensão Universitária como uma Práxis. *Em Extensão*, 5:84 – 88.
- Santos, C. V. S., Camargo, M. F., and Ribeiro, J. C. (2005). Experiências de Inclusão Digital em Salvador (Bahia): Projetos com o Uso de Computador em 2004. In *CINFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação VI*.
- Silveira, S. A. (2005). Inclusão Digital, Software Livre e Globalização Digital Contra-Hegemônica. In *Seminários Temáticos para a Terceira Conferência Nacional de C,T&I*. Última visita em 15 de Novembro de 2009.